



## CADERNOS DO POVO BRASILEIRO

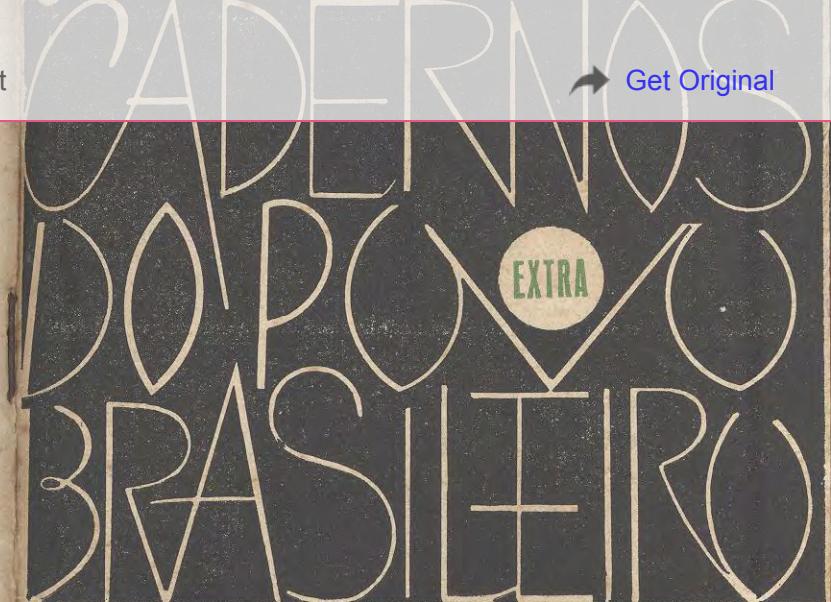
Os grandes problemas de nosso País são estudados nesta série com clareza e sem qualquer sectarismo; seu objetivo principal é o de informar. *Sómente quando bem informado é que o povo consegue emancipar-se.*

### *Primeiros lançamentos*

- 1 — QUE SÃO AS LIGAS CAMPONESAS?  
*Francisco Julião*
- 2 — QUEM É O POVO NO BRASIL?  
*Nelson Werneck Sodré*
- 3 — QUEM FAZ AS LEIS NO BRASIL?  
*Osny Duarte Pereira*
- 4 — POR QUE OS RICOS NÃO FAZEM GREVE?  
*Alvaro Vieira Pinto*
- 5 — QUEM DARÁ O GOLPE NO BRASIL?  
*Wanderley Guilherme*

VOLUME EXTRA  
*Diversos*

LEIA-OS — COMENTE-OS — DIVULGUE-OS



**Poemas  
para a  
Liberdade**

**VIOLÃO DE RUA**

## VIOLÃO DE RUA

CADERNOS DO POVO BRASILEIRO

*Diretores:*

ALVARO VIEIRA PINTO  
ÊNIO SILVEIRA

Volume Extra

*desenho de capa:*  
EUGÊNIO HIRSCH

Exemplar

Nº 03855

Primeiro de uma série, êste livro foi organizado pelo CENTRO POPULAR DE CULTURA da União Nacional dos Estudantes, sem qualquer pretensão de realizar uma completa antologia, e visa divulgar poetas que usam seus instrumentos de trabalho para participar, de modo mais direto, nas lutas em que ora se empenha o povo brasileiro, revolucionariamente voltado para as exigências de um mundo melhor e mais humano.

Direitos desta edição reservados à  
EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.  
Rua 7 de Setembro, 97  
RIO DE JANEIRO

1962

---

Impresso nos Estados Unidos do Brasil  
Printed in the United States of Brazil

# VIOLÃO DE RUA

*Poemas de*  
AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

FERREIRA GULLAR

GEIR CAMPOS

JOSÉ PAULO PAES

MOACYR FELIX

PAULO MENDES CAMPOS

REYNALDO JARDIM

VINICIUS DE MORAES

EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.  
RIO DE JANEIRO

## ÍNDICE

### AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Morte na Lagoa Amarela .....	11
Outubro .....	15

### FERREIRA GULLAR

Quatro Mortos por Minuto .....	20 <i>X</i>
João Boa-Morte, Cabra Marcado prá Morrer ..	22 <i>X</i>

### GEIR CAMPOS

Cortina .....	38
Tarefa .....	38
A Meta Física .....	39
Razão de Família .....	39
A Prometida .....	40
Poética .....	40
Alba .....	41
O Sermão da Planície .....	41

### JOSÉ PAULO PAES

Baladilha .....	46 <i>X</i>
L'affaire Sardinha .....	47 <i>X</i>
Cena Legislativa .....	47 <i>X</i>

### MOACYR FÉLIX

Sons para Lumumba .....	50
Ministrinho, Ministrão .....	56
Aula Ocidental .....	60 <i>X</i>

PAULO MENDES CAMPOS

Poema para ser Cantado .....	64
Um Homem Pobre .....	68

REYNALDO JARDIM

Canto Menor com Final Heróico .....	76
Ditado sôbre o Mêdo .....	78
Descrição de Gravura .....	78

VINICIUS DE MORAES

Os Homens da Terra .....	82
O Operário em Construção .....	86

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

## MORTE NA LAGOA AMARELA

*"Um de nós não bebe mais  
a água da Lagoa Amarela".*

(Entrevista dada por um posseiro ao BINÔMIO,  
depois de preso pela morte de um fazendeiro  
no Vale do Rio Dôce).

### 1

Triste vida de posseiro  
junto à Lagoa Amarela.

Vinte anos sôbre a terra  
cavando o faltoso pão,  
vinte anos de promessa  
com a mesma enxada na mão,  
quatorze filhos no mundo  
fora os que estão no caixão.

Triste vida de posseiro  
sempre sem pão e dinheiro.

Fazendeiro toma tudo:  
terra, filhas, boi, peroba  
e quando o caboclo grita  
queima tudo o que não "roba".

Eis que deu que um fazendeiro  
com fama de boi ladrão  
se apeiou nas minhas portas  
e me gritou como a um cão:  
que aquela terra era dêle  
e punha tudo no chão,  
e se eu ficasse morria  
como torresmo e carvão.

Triste vida de posseiro  
junto à Lagoa Amarela!

“Pelo amor de sua família  
pela sua religião!”  
roguei pro homem raivoso  
que não tirasse o meu pão:  
vinte anos de misérias  
com a mesma enxada na mão,  
com a só perna direita  
que a outra não tenho não.

Morre a tarde e o homem apeia  
pra cumprir sua predição,  
com dois capangas de lado  
e a gasolina na mão,  
se achegando como cobra  
que se encolhe no moitão.

Olhei pr'aquilo tristonho  
mas não temí decisão:  
quatorze filhos no mundo  
fora os que estão no caixão,  
já quantos posseiros mortos  
por obra do mesmo cão.

E foi aí que a promessa  
me nasceu no coração:

“Um de nós sobra da sela  
e não vai beber mais água  
desta Lagoa Amarela”.

Peguei na espingarda velha  
como quem pega o enxadão  
com a fôrça que a fome dá  
pra quem defende seu pão  
com o desespôro nos olhos  
e ódio no coração,  
e jurando por mim, pros filhos  
que estavam no seu caixão,  
mandei-lhe no peito a bala  
e o homem foi despachado  
caindo no chão sangrando  
como boi velho castrado.

Seus capangas se sumiram  
como preás, quando o cão  
descobre que a caça é certa  
e segue o rastro no chão.

\*

E foi então que sentí  
que os filhos que estavam mortos  
se estremeceram no chão  
junto aos posseiros queimados  
pelo ódio do patrão  
e que agora renascidos

defendiam seu sertão  
punham no ombro a espingarda  
refazendo a plantação  
replantando dia a dia  
para colhêr na estação,  
as sementes duradouras  
da esperada redenção  
que agora surge madura  
sob a voz de Julião.

## OUTUBRO

1

Outubro  
ou nada

ou tudo  
ou sangue

outubro  
ou tumba

outubro  
ou pão

outubro  
ou túnel

— de emoção

2

Quando outubro,  
caso queiras  
ou não queiras, senador,  
o homem

— que não vês  
já tem na bôca  
a palavra

— que êle fêz.

Quando outubro  
caso deixes  
ou não deixes, cardeal,  
o homem  
— que não vês

já tem no olhar  
a fé  
— no que êle fêz.

Quando outubro  
caso saibas  
ou não saibas, general,  
o homem  
— que não vês  
já tem na mão  
a arma  
— que êle fêz

e sabe que outubro é quando  
a lisonja tem suas bôcas  
e cria palavras dúbias  
sôbre os tímpanos do povo,  
por isso que, quando outubro,  
todo cuidado é pouco:  
dou três toques no meu sino  
e mando chamar meu povo.

Cuidado, presidente,  
— que outubro  
— é semente

Cuidado, ministro,  
— que outubro  
— é sinistro

Cuidado, congresso,  
— que outubro  
— é da Esso

Cuidado, cardeal,  
— que outubro  
— é fatal

Cuidado, operário,  
— que outubro  
— é salário

Cuidado, patrão,  
— que outubro  
— é lição

Cuidado, meu povo,  
— que outubro  
sôbretudo  
— é um ôvo  
que fomos  
— com a mão.

FERREIRA GULLAR

## QUATRO MORTOS POR MINUTO

(à razão de mil dólares)

Morrem quatro por minuto  
nesta América Latina.

Não conto os que morrem velhos,  
só os que a fome extermina.

Não conto os que morrem velhos  
que, na América Latina,  
esses são poucos: os homens  
aqui mal passam dos trintas.

Não conto os mortos de faca  
nem os mortos de polícia:  
conto os que morrem de febre  
e os que morrem de tísica.

Conto os que morrem de boubá,  
de tifo, de verminose;  
conto os que morrem de crupe,  
de cancro e sistosomose.

Mas todos esses defuntos  
morrem de fato é de fome,  
quer a chamemos de febre  
ou de qualquer outro nome.

Morrem de fome e miséria  
quatro homens por minuto,  
embora enriqueçam outros  
que dêles não sabem muito,

que nunca lhes viram o rosto  
ossudo, os braços fonzinhas,  
mas que lhes roubam a moeda,  
esses gangsters grã-finos.

Mil dólares por minuto,  
eis quanto nos rouba o ianque.  
Time is money: transformam  
em moeda nosso sangue.

Blood is money, alquimistas,  
transformam moeda em sangue,  
transformam moeda em rifle,  
em bomba, em canhão, em tanque.

Enquanto quatro homens morrem  
por minuto, por minuto  
mil dólares voam daqui  
para a gaveta dos trustes.

Esse é o preço que pagamos  
— será pouco? será muito? —  
para ganharmos um morto  
quatro vezes por minuto.

No tempo que dispendereste  
para ler estas estrofes  
quatro dos nossos morreram  
e o ianque encheu mais seu cofre.

Tempo é dinheiro — êles dizem.  
Tempo é sangue — nós dizemos.  
Fidel moutrou-nos a rota:  
Pátria ou morte! Venceremos!

## JOÃO BOA-MORTE

*(cabra marcado prá morrer)*

Vou contar para vocês  
um caso que sucedeu  
na Paraíba do Norte  
com um homem que chamava  
Pedro João Boa-Morte  
lavrador de Chapadinha:  
talvez tenha morte boa  
porque vida êle não tinha.

Sucedeu na Paraíba  
mas é uma história banal  
em todo aquêle Nordeste.  
Podia ser no Sergipe,  
Pernambuco ou Maranhão,  
que todo cabra-da-peste  
ali se chama João  
Boa-Morte, vida não.

Morava João nas terras  
de um coronel muito rico,  
tinha mulher e seis filhos,  
um cão que chamava “Chico”,  
um facão de cortar mato,  
um chapéu e um tico-tico.

Trabalhava noite e dia  
nas terras do fazendeiro,  
mal dormia, mal comia,  
mal recebia dinheiro;  
se não recebia não dava  
pra acender o candeeiro.  
João não sabia como  
fugir dêsse cativeiro.

Olhava p’ras seis crianças  
de olhos cavados de fome,  
já consumindo a infância  
na dura faina da roça.  
Sentia um nó na garganta.  
Quando uma delas almoça  
as outras não, a que janta  
no outro dia não almoça.

Olhava para Maria,  
sua mulher, que a tristeza  
na luta de todo o dia  
tão depressa envelheceu.  
Perdera tôda a alegria  
perdera tôda a beleza  
e era tão bela no dia  
que João a conheceu.

Que diabo tem nesta terra,  
neste Nordeste maldito,  
que mata como uma guerra  
tudo que é bom e bonito?  
Assim João perguntava  
para si mesmo e lembrava  
que a tal guerra não matava  
o coronel Benedito!

Essa guerra do Nordeste  
não mata quem é doutor  
não mata dono de engenho,  
só mata o cabra-da-pesto  
só mata o trabalhador.  
O dono de engenho engorda,  
vira logo senador.

Não faz um ano que os homens  
que trabalham na fazenda  
do Coronel Benedito  
tiveram com êle atrito  
devido ao preço da venda.  
O preço do ano passado  
já era tão baixo e no entanto  
o coronel não quis dar  
o novo preço ajustado.

João e seus companheiros  
não gostaram da proeza:  
se o novo preço não dava  
para garantir a mesa,  
aceitar preço mais baixo  
já era muita fraqueza.  
“Não vamos voltar atrás.  
Precisamos de dinheiro,  
se o coronel não der mais  
vendemos nosso produto  
para outro fazendeiro.”

Com o coronel foram ter  
mas quando comunicaram  
que a outro iam vender  
o cereal que plantaram,  
o coronel respondeu:

“Ainda está para nascer  
um cabra prá fazer isso.  
Aquêle que se atrever  
pode rezar, vai morrer,  
vai tomar chá de sumiço.”

O pessoal se assustou.  
Sabiam que fazendeiro  
não brinca com lavrador.  
Se quem obedece morre  
de fome e de desespêro,  
quem não obedece corre  
ou vira “cabra morredor”.

Só um dêles se atreveu  
a vender seu cereal.  
Noutra fazenda vendeu  
mas vendeu e se deu mal.  
Dormiu mas não amanheceu.  
Foram encontrá-lo enforcado  
de manhã num pé de pau.  
Debaixo do morto estava  
um “cabra” do Benedito  
que dizia a quem passava:

“Esse moleque maldito  
pensou que desrespeitava  
o que o patrão tinha dito.  
Tôda planta que aqui nasce  
é planta do coronel,  
êle manda nesta terra  
como Deus manda no céu.  
Quem estiver descontente  
acho melhor não falar  
ou fale e depois se aguente  
que eu mesmo venho enforcar.”

João ficou revoltado  
com aquêle crime sem nome.  
Maria disse: "Cuidado,  
não te mete com êsse homem".  
João respondeu zangado:  
"Antes morrer enforcado  
do que sucumbir de fome."

Nisso pensando, João  
falou com seus companheiros:  
"Lavradores, meus irmãos,  
esta nossa escravidão  
tem que ter um paradeiro.  
Não temos terra nem pão,  
vivemos num cativeiro.  
Livremos nosso sertão  
do jugo do fazendeiro."

O coronel Benedito  
quando soube que João  
tais coisas havia dito  
ficou brabo como o Cão.  
Armou dois "cabras" e disse:  
"João Boa-Morte não presta,  
não quero nas minhas terras  
caboclo metido a besta."

"Vou lhe dar uma lição.  
Ele quer terra, não é?  
Pois vai ganhar o sertão.  
Vai ter de andar a pé  
desde aqui ao Maranhão.  
Quando virar vagabundo  
vai ter de baixar a crista.  
Vou avisar todo mundo

que êsse "cabra" é comunista.  
Quem mexe com o Benedito  
bem caro tem de pagar.  
Ninguém lhe dará um palmo  
de terra pra trabalhar."

Se assim disse, assim fêz.  
João foi mandado embora  
do seu casebre pacato.  
Disse a Maria: "Não chora,  
todo o patrão é ingrato."  
E saíram mundo afora  
Ele, Maria, os seis filhos  
e o facão de cortar mato.

Andaram o resto do dia  
e quando a noite caía  
chegaram numa fazenda:  
"Seu doutor, tenho família,  
sou homem trabalhador.  
Me ceda um palmo de terra  
prá eu trabalhar pro senhor."

Ao que o doutor respondeu:  
"Terra aqui tenho sobrando,  
todo êste baixão é meu.  
Se planta e colhe num dia,  
pode ficar trabalhando."  
— Seu coronel, me desculpe,  
mas eu não sei fazer isso.  
Quem planta e colhe num dia  
não planta, faz é feitiço.  
— Nêste caso, não discuta,  
acho melhor ir andando.

E lá se foi Boa-Morte  
com a mulher e os seis meninos.  
“Talvez eu tenha mais sorte  
na fazenda dos Quintinos.”  
Andaram rumo do Norte,  
pra além da várzea dos Sinos:  
— “Coronel, morro de fome  
com seis filhos e a mulher.  
Me dê trabalho, sou homem  
para o que der e vier.”

E o coronel respondeu:  
— “Trabalho tenho de sobra  
E se é homem como diz  
quero que me faça agora  
esta raiz virar cobra  
e depois virar raiz.  
Se isso não faz, vá-se embora.”

João saiu com a família  
num desespéro sem nome.  
Ele, os filhos e Maria  
estavam mortos de fome.  
Que destino tomaria?  
Onde iria trabalhar?  
E à sua volta êle via  
terra e mais terra vazia,  
milho e cana a verdejar.

O sol do sertão ardia  
sobre os oito a caminhar.  
Sem esperança de um dia  
ter um canto pra ficar,  
à sua volta êle via  
terra e mais terra vazia  
milho e cana a verdejar.

E assim, dia após dia,  
andaram os oito a vagar,  
com uma fome que doía  
fazendo os filhos chorar,  
mas o que mais lhe doía  
era, com fome e sem lar,  
ver tanta terra vazia,  
tanta cana a verdejar.

Era ver terra e ver gente  
daquêle mesmo lugar,  
amigos, quase parentes,  
que não podiam ajudar,  
que se lhe dessem pousada  
caro tinham que pagar.  
O que o coronel ordena  
é bom não contrariar.

A muitas fazendas foram,  
sempre o mesmo resultado.  
Mundico, o filho mais moço,  
parecia condenado.  
Prá respirar era um esfôrço,  
só andava carregado.  
“Mundico, tu tá me ouvindo?”  
Mundico estava calado.

Mundico estava morrendo,  
coração quase parado.  
Deitaram o pobre no chão,  
no chão com todo o cuidado.  
Deitaram e ficaram vendo  
morrer o pobre coitado.

“Meu filho”, gritou João,  
se abraçando com o menino.  
Mas de Mundico restava

sómente o corpo franzino.  
Corpo que não precisava  
mais nem de pai nem de pão,  
que precisava de chão  
que dêle não precisava.

Enquanto isso ali perto  
detrás de uma ribanceira,  
três "cabras" com tiro certo  
matavam Pedro Teixeira,  
homem de dedicação  
que lutara a vida inteira  
contra aquela exploração.

Pedro Teixeira lutara  
ao lado de Julião  
falando aos caboclos para  
dar melhor compreensão  
e uma liga organizara  
prá lutar contra o patrão,  
prá acabar com o cativeiro  
que existe na região,  
que conduz ao desespéro  
tôda uma população  
onde só o fazendeiro  
tem dinheiro e opinião.

Essa não foi a primeira  
morte feita de encomenda  
contra um líder camponês.  
Outros foram assassinados  
pelos donos de fazenda.  
Mas cada Pedro Teixeira  
que morre, logo aparece  
mais um, mais quatro, mais seis  
— que a luta não esmorece  
e cresce mais cada mês.

Que a luta não esmorece  
agora que o camponês  
cansado de fazer prece  
e de votar em burguês,  
se ergue contra a pobreza  
e outra voz já não escuta,  
só a voz que chama pra luta  
— voz da Liga Camponêsa.

Mas João nada sabia  
no desespéro em que estava,  
andando aquêle caminho  
onde ninguém o queria.  
João Boa-Morte pensava  
que se encontrava sózinho  
e que sózinho morreria

Sózinho com cinco filhos  
e sua pobre Maria  
em cujos olhos o brilho  
da morte se refletia.  
Já não havia esperança,  
iam sucumbir de fome  
ele, Maria e as crianças.  
Naquela terra querida,  
que era sua e não era,  
onde sonhara com a vida  
mas nunca viver pudera,  
ia morrer sem comida  
aquêle de cuja lida  
tanta comida nascera.

Aquêle de cuja mão  
tanta semente brotara,  
que filho daquele chão,

aquêle chão fecundara;  
e assim se fizera homem  
para agora, como um cão,  
morrer, com os filhos, de fome.

E assim foi que Boa-Morte  
quando chegou a Sapé,  
desiludido da sorte,  
certo que ia morrer,  
decidiu que aquêle dia  
antes da aurora nascer  
os seis filhos mataria  
e mataria a mulher,  
depois se suicidaria  
para acabar de sofrer.

Tomada essa decisão  
sentiu que uma paz sofrida  
brotava em seu coração.  
Era uma planta perdida,  
uma flor de maldição  
nascendo de sua mão  
que sempre plantara a vida.

Seus olhos se encheram d'água.  
Nada podia fazer.  
Para quem vive na mágoa  
mágoa menor é morrer.  
Que sentido tem a vida  
prá quem não pode viver?  
Prá quem plantando e colhendo  
não tem direito a comer?  
Prá que ter filhos, se os filhos  
na miséria vão morrer?  
E preferível matá-los  
aquêle que os fêz nascer.

Chegando a um lugar deserto  
pararam prá dormir.  
Daitaram todos no chão  
sem nada pra se cobrir.  
Quando dormiam, João  
levantou-se devagar  
pegando logo o facão  
com que os ia degolar.  
João se julgava sózinho  
perdido na escuridão  
sem ter ninguém pra ajudá-lo  
naquela situação.  
Sem amigo e sem carinho  
amolava o seu facão  
pra matar a família  
e varar seu coração.

Mas como um louco atrás d'ele  
andava Chico Vaqueiro  
um lavrador como ele  
como ele sem dinheiro  
para levá-lo pra Liga  
e lhe dar um paradeiro  
para que assim ele siga  
o caminho verdadeiro.

Para dizer-lhe que a luta  
só agora vai começar  
que ele não estava sózinho  
não devia se matar.  
Devia se unir aos outros  
para com os outros lutar.  
Em vez de matar os filhos  
devia era os libertar  
do jugo do fazendeiro  
que já começa a findar.

E antes que Boa-Morte,  
levado pela aflição,  
em seis peitos diferentes  
varasse seu coração,  
Chico Vaqueiro chegou:  
“Compadre, não faça isso  
não mate quem é inocente.  
O inimigo da gente  
— lhe disse Chico Vaqueiro —  
não são os nossos parentes,  
o inimigo da gente  
é o coronel fazendeiro.

O inimigo da gente  
é o latifundiário  
que submete nós todos  
a esse cruel calvário.  
Pense um pouco meu amigo  
não vá seus filhos matar.  
É contra aquele inimigo  
que nós devemos lutar.  
Que culpa têm seus filhos?  
Culpa de tanto penar?  
Vamos mudar o sertão  
pra vida dêles mudar.”  
Enquanto Chico falava  
no rosto magro de João  
uma luz nova chegava.  
E já a aurora, do chão,  
de Sapé, se levantava.

E assim se acaba uma parte  
da história de João.  
A outra parte da história  
vai tendo continuação

não neste palco de rua  
mas no palco do sertão.  
Os personagens são muitos  
e muita a sua aflição.  
Já vão todos comprendendo,  
como compreendeu João,  
que o camponês vencerá  
pela força da união.  
Que é entrando para as Ligas  
que êle derrota o patrão,  
que o caminho da vitória  
está na Revolução.

GEIR CAMPOS

## CORTINA

Em uns países, pelo que me dizes,  
quem assina, por exemplo, um poema  
de pura crença na divina providência,  
cai em desgraça...

Noutros, incluso o meu, digo-te eu:  
quem assina, por exemplo, um poema  
de fé pura na humana criatura,  
cai em desgraça!

## TAREFA

Morder o fruto amargo e não cuspir  
mas avisar aos outros quanto é amargo,  
cumprir o trato injusto e não falhar  
mas avisar aos outros quanto é injusto,  
sofrer o esquema falso e não ceder  
mas avisar aos outros quanto é falso;  
dizer também que são coisas mutáveis...  
E quando em muitos a noção pulsar  
— do amargo e injusto e falso por mudar —  
então confiar à gente exausta o plano  
de um mundo novo e muito mais humano.

## A META FÍSICA

Aos que espiralam sem-razões do *ser*  
pergunto:

— Que vai *ser*  
das 130.000 crianças sem escolas  
na principal cidade do país?

Aos que perquirem os *fins* da existência  
pergunto:

— Quanta gente há no país  
sem *meios* de subsistência?

Aos que pendengam entre *o eterno e a hora*  
pergunto:

— E *agora*?

## RAZÃO DE FAMÍLIA

Há um rico tio que nos vende feijão podre  
e aceitamos,  
trinca nos juros de um dinheiro podre  
e aceitamos,  
força em direito uma doutrina podre  
e aceitamos,  
conta por santo um parentesco podre  
e aceitamos,  
e mais e mais aceitamos porque o tio é suscetível  
e à toa, à toa põe suas mil bôcas no mundo  
— televisões, rádios, jornais, revistas —  
e há de dizer que somos uns ingratos  
separatistas e ...istas e ...istas e ...istas.

## A PROMETIDA

Quando vier  
a desejada dos povos  
(quem sabe se a verei?)  
não a procurem fazer,  
nem por demais amor,  
conforme aos burocratas  
quase arquivos  
ou aos economistas  
quase contas  
ou aos militaristas  
quase fardas:  
deixem-na que se faça  
flor e fruto  
à semelhança e imagem  
do sonho mais a fome  
do homem.

## POÉTICA

Eu quisera ser claro de tal forma  
que ao dizer  
— rosa!  
todos soubessem o que haviam de pensar.  
Mais: quisera ser claro de tal forma  
que ao dizer  
— já!  
Todos soubessem o que haviam de fazer.

## ALBA

Não faz mal que amanheça devagar,  
as flôres não têm pressa nem os frutos:  
sabem que a vagareza dos minutos  
adoça mais o outono por chegar.  
Portanto não faz mal que devagar  
o dia vença a noite em seus redutos  
de leste — o que nos cabe é ter enxutos  
os olhos e a intenção de madrugar.

## O SERMÃO DA PLANÍCIE

Alô alô trabalhadores na indústria do açúcar: a crise  
está de amargar.  
Alô alô trabalhadores na indústria do sal: que vida  
insôssa, a nossa!  
Alô alô ferroviários: êste país anda fora dos trilhos.  
Alô alô trabalhadores na indústria do carvão: a coisa  
nunca estêve preta como agora.  
Alô alô trabalhadores na indústria de doces e conservas:  
impossível conservar-se a doce tranquilidade.  
Alô alô trabalhadores na indústria de fiação: a paz  
social está por um fio.  
Alô alô trabalhadores na indústria de brinquedos: com  
a fome do povo não se brinca.  
Alô alô trabalhadores na indústria de artefatos de couro:  
apertar o cinto não resolve.

Alô alô trabalhadores em panificação e laticínios: conosco tem de ser pão-pão, queijo-queijo.  
Alô alô trabalhadores na indústria da madeira: o pau vai comer.  
Alô alô trabalhadores na indústria da borracha: seremos inflexíveis.  
Alô alô trabalhadores na indústria metalúrgica e siderúrgica: têmpera não nos falta.  
Alô alô trabalhadores na indústria de fibras vegetais e animais: a nossa fibra é de aço.  
Alô alô trabalhadores na indústria de eletricidade: têda a energia é pouca.  
Alô alô trabalhadores na indústria mecânica: está na hora de apertar os parafusos.  
Alô alô trabalhadores na indústria do pescado: chega de encher a barriga dos tubarões.  
Alô alô trabalhadores na indústria de comestíveis: chega de pôr azeitona na empada do imperialismo.  
Alô alô trabalhadores na indústria do fumo: a cobra já está fumando.  
Alô alô trabalhadores na indústria do calçado: vamos entrar de sola.  
Alô alô trabalhadores no comércio: consciência não se vende.  
Alô alô trabalhadores na indústria ótica: olho nos inimigos do povo!  
Alô alô trabalhadores em cerâmica e porcelana: quem foi que disse que vaso ruim não quebra?  
Alô alô trabalhadores na imprensa: o que o truste diz, não se escreve.  
Alô alô bancários: o inimigo não merece crédito.  
Alô alô trabalhadores na indústria de chapéus: a hora é de usar a cabeça.  
Alô alô trabalhadores em lavanderia e tinturaria: vamos lavar a roupa suja do regime.

Alô alô trabalhadores na indústria gráfica: há muito tipo sujo querendo dar boa impressão.  
Alô alô trabalhadores na indústria do frio: gêlo nos maus políticos!!  
Alô alô trabalhadores na indústria de vidros e espelhos: vamos tirar os parasitas da redoma, sem contemplação.  
Alô alô trabalhadores na indústria do vestuário: não adianta despir um santo para vestir outro.  
Alô alô trabalhadores na indústria de botões: está na hora do opressor abotoar o paletó.  
Alô alô trabalhadores em torrefação e moagem: vamos torrar o latifúndio, que nos mói.  
Alô alô trabalhadores na indústria de inseticidas: o latifúndio é uma praga.  
Alô alô camponeses: o latifúndio planta ventos, colhe tempestades.  
Alô alô contabilistas: está na hora do ajuste de contas.  
Alô alô trabalhadores em mineração: nosso país sempre foi uma mina para os outros.  
Alô alô trabalhadores na indústria de tintas e vernizes: o imperialismo já pintou o sete conosco.  
Alô alô trabalhadores na indústria de tecidos: o imperialismo nos deixa de tanga.  
Alô alô trabalhadores em curtume: o truste está tirando o nosso couro.  
Alô alô trabalhadores na indústria petrolífera: o petróleo é nosso.  
Alô alô trabalhadores na indústria de detergentes: o imperialismo que vá lamber sabão!  
Alô alô trabalhadores em instalações hidráulicas: vamos fazer quem nos explora entrar pelo cano.  
Alô alô trabalhadores em construção civil: nosso muro será duro com duro.

Alô alô operários navais: vamos mostrar com quantos paus se faz uma canoa.  
Alô alô propagandistas de produtos farmacêuticos: digam a todos que o nosso mal tem remédio.  
Alô alô trabalhadores em joalheria e lapidação: nosso país, emancipado, vai ser uma jóia.  
Alô alô trabalhadores em transportes marítimos, flu-  
viais e aéreos: o rumo certo é o da libertação.  
Alô alô rodoviários: a verdadeira liberdade é que nos guia.  
Alô alô estudantes: certas verdades não se aprendem no colégio.  
Alô alô professores: não esqueçamos a lição da His-  
tória!  
Alô alô trabalhadores em rádio e televisão: a boa nova está no ar.  
Alô alô trabalhadores na indústria de bebidas: um brin-  
de à vitória final!

JOSÉ PAULO PAES

## BALADILHA

Morre o boi  
Quando chega ao fim  
A paciência bovina  
De mascar capim,  
De puxar o carro,  
De servir ao homem  
Que o mata e come.

Morre o cão  
No meio da rua  
Sob a luz da lua  
A que tanto uivou.  
Guardou fielmente  
O celeiro do homem,  
Mas morreu de fome.

Morre o pássaro  
Dentro da gaiola  
Quando é noite e o canto  
Já não o consola.  
Pela última vez  
Canta para o homem  
Que, embora livre, dorme.

## Envio:

Homem, não sejas  
Pássaro nostálgico,  
Cão ou boi servil.  
Levanta o fuzil  
Contra o outro homem  
Que te quer escravo.  
Só depois disso morre.

## L'AFFAIRE SARDINHA

O Bispo ensinou ao bugre  
Que pão não é pão, mas Deus  
Presente em eucaristia.  
  
E como um dia faltasse  
Pão ao bugre, êle comeu  
O Bispo, eucaristicamente.

## CENA LEGISLATIVA

Primeiramente, condenou-se a pomba  
Por amar uma paz entorpecente  
Onde o leão perde a juba e a hiena os dentes.  
  
Depois, condenou-se no cordeiro  
A perigosa dúvida que o anima.  
O rio dos lôbos corre sempre para cima.  
  
Condenou-se a cigarra, finalmente,  
Pelo crime de cantar nas horas vagas  
Que a faina das formigas não tem paga.  
  
Consolidada a ordem, festejou-se.  
E o leão rugindo, a hiena rindo,  
Os trabalhos foram dados por bem findos.

MOACYR FELIX

## SONS PARA LUMUMBA

*"A luz selvagem do sol resplandecerá novamente sobre nós, enxugará as lágrimas e as nossas feições achincalhadas. Quando romperes estes grilhões, estas pesadas correntes, dis-persar-se-á para sempre o tempo da crueldade, da maldade. Orgulhoso, o livre Congo se levantará da terra negra".*

(De um poema de Patrice Lumumba)

Em Drottninggatan nevava  
sobre teu nome, Lumumba.

Município de Blekinge,  
comarca de Hallaryd,  
e teu nome sobre o muro  
como notícia maior:  
"Lumumba morto no cárcere?"  
E eras notícia maior.  
No vídeo eu te via preso  
de pés e mãos amarradas  
num caminhão militar.  
Eu ví homens te arrastando  
como um porco de levar!  
E o vídeo mostrava ao mundo  
tua mulher e teus filhos  
com rostos de só penar.

E o mundo avistava o Congo  
com mortos de não contar,  
pois a milhares de vidas  
faltava bôca e lugar.

Em Drottninggatan nevava  
sobre teu nome, Lumumba.

## II

Ablator ONU! Ablator ONU,  
onde as flôres de maio, as libertinas dálias?  
Onde o ato e o desato atrás dos loiros fios do aparato?

Inútil betumar o mar do mundo  
Lumumba, mar e mundo, rosamundo  
e dor à tona  
que os moribundos babam na babel belona!

Ah, Crepúsculo, quântos mortos soma a tua quimera?  
Quando te movimentas sobre a escura terra,  
quantos gritos circulam em ti, molusco  
de ouro e sangue, derrotada esfera?

## III

Malaxado, malaxado  
teu silêncio maleiforme  
me forma a lei, nossa lei  
de ganhar sem ter ganhado...

## IV

(Natal)

Rodados longos rosários  
redondos como maçãs,  
sobre o negro obituário

conversavam conversavam  
bôcas cheias de avelã.  
A palavra era bondosa  
e as almas quasi gasosas  
de se sentirem tão sãs.

Na luva dos comentários,  
sempre o K de Ku-Klux-Kan!

V

Se jornaleiramente Deus é morto  
e os homens triturados como nôzes,  
de que nos serve o luto do abaruna  
que alberga em sombra o riso dos algozes?

VI

Meu nome é índio, Lumumba:  
desde o berço até a tumba  
eu me chamo é Moacyr.  
Félix me quer a Europa  
de Roma e tôdas as opas  
que me ensinaram trair  
com posturas de *savant*  
meu ser tamoio ou tupi:  
*filho de peixe* das águas  
que levam sumo ao caqui,  
*filho da dor* andeja  
escorrendo como chuva  
nos olhos da gente ali.  
Mas no meu corpo, Lumumba,

uiva um cão de treva e mágoa  
todo feito de negror:  
e é teu Congo que lateja  
neste verso cantador  
quando a noite assim me fala  
do que morre na senzala  
sob os relhos do feitor.  
Desde o berço até a tumba,  
meu grito é negro, Lumumba!

VII

Patrice negro e congolês Lumumba  
abaeté e abaçáí dos abaíbas  
eu te proclamo, nós, mulato e branco  
filho de muitas raças misturadas,  
negro, cafuso, mameluco e índio,  
de alparcata de couro,  
de blusão operário,  
de gravata sem festa,  
na jangada, no trem, no bonde, no ar  
da escura mina e do aeroporto aberto,  
das mesas burocráticas,  
em baixo das sondas e em Volta Redonda,  
sobre as dragas do São Francisco  
ou sob a lâmpada do apartamento em vigília,  
de um unicórnio azul a recontar os grilos  
de uma lívida floresta alada, do fundo poço  
banhado essencialmente  
pelas contradições de céu e inferno, e avanço  
e fuga, e sonho e realidade, e lógica e loucura,  
da roda humana com seus grandes eixos  
de nervo e inconsistência, resistência e fim

eu te saúdo, fogo e canto, lágrima  
do imóvel ser tornado em vir-a-ser,  
do fatum a transcender-se em ato,  
do gesto a distender-se em vida,  
da vida a transformar-se em homem

Patrice negro e congolês Lumumba!

### VIII

Bambo bambú, molambo  
de infinitas bandeiras  
no céu de África acesa,  
vão ceifar-te as lupangas  
do Tshombe dos belgas  
em Catanga, em Catanga?

Em Catanga, em Catanga  
colho a estréla madura  
de um sonhar amarelo,  
e em Catanga, em Catanga  
abro a bôca da noite  
com meu grito mais belo

— e sugo a liberdade, o futuro,  
com a mesma natural voracidade  
com que nos quintais chupava a manga  
arrancada por mim no alto muro!

### IX

Só querias de verdade um mundo alegre.

Lâmina com que os ventos se interrogam  
no chão sem fim depois da infância finda,  
é triste o homem quando só no Espaço  
— bailarino entre fontes absurdas.

Isto sabemos e necessitamos:  
essa tristeza é nossa.

Mas é desumana  
quando seus frutos, como agora, amargam  
por serem falsos frutos, coisas pôdras  
da vida imersa ainda em Natureza.

Só querias de verdade um mundo alegre.

### X

Só querias de verdade um mundo claro  
ao gesto meigo de uma filha tua...

Vamos fazer zabumba, ó Lumumba,  
até que sejam corações a Rua?  
Vamos fazer zabumba, ó Lumumba,  
até que as nuvens sejam fadas nuas?

Vamos pintar o som do sol na lua?

### XI

É tua, Lumumba, a minha melancolia.  
Tua, Lumumba, minha noite imensa e vazia.  
E teu êste rubro pássaro de aço  
— seu único habitante —  
em cujas garras finco espaço e tempo  
numa exigência feroz de um outro dia.

Karlshamn, em janeiro de 1961.

## MINISTRINHO, MINISTRÃO

Esta é a livre falação  
que o cantador achou nas ruas  
para os membros do Gabinete  
que governa esta Nação:

Ministrinho, ministrão  
quanto é que custa o feijão?

Com o seu tempo desgraçado  
de só poder se alugar,  
o povo vai para a praça  
com o seu pouco de comprar.  
E os cadilaques passando  
com gente de só gozar;  
e as buates se estufando  
como um gordo a se engordar  
sobre esta coisa vazia  
onde cresce o chá-chá-chá.

Ministrinho, ministrão  
olha pro céu, e olha pro chão.

Proletário ou camponês,  
o tempo de quem trabalha  
nunca é sim, sempre é talvez;  
não é vida, e sim mortalha

costurada mês a mês.  
Proletário ou camponês,  
se o seu suor corre em tudo  
que faz tão rico o burguês,  
por que o cercam estes muros  
seculares de aridez?

Ministrinho, ministrão  
de onde vem a confusão?  
Ministrinho, ministrão  
êste povo não precisa  
de dinheiro dado não;  
dinheiro daqueles mesmos  
que levam mais do que dão,  
que levam, e por isto vão  
jogando dinheiro longe  
dos pontos de precisão,  
dinheiro que faz lembrar  
o osso que é dado a um cão  
por quem entra numa casa  
com desejos de ladrão.

O que êste povo precisa  
é que suas excelências  
observem mais o chão,  
e vejam a flor que ali nasce  
com a forma desta nação,  
e aprendam, por amá-la,  
quanto vale esta canção  
com que a própria história embala  
as flores do coração.

Ministrinho, ministrão  
deixa o céu e olha pro chão!

Fábricas vão acordando  
o azul dêsse nôvo espaço  
com novas formas de nuvens  
feitas de homem e de aço.  
Usinas vão ritmando  
a luz que vai aclarar  
largos galopes de espanto  
sôbre a vida a se inventar.  
E as sondas vão perfurando  
a terra, a pedra e o ar,  
buscando essa nova era  
no petróleo que libera  
o povo que quer andar.  
E o homem do campo exige  
entre o colher e o plantar:  
cadê a reforma agrária  
que deve me libertar?

Ministrinho, ministrão  
nesta hora que vivemos  
reforma é revolução,  
e tem que mudar de fato  
a marcha desta nação,  
como o pé muda o sapato  
que não lhe serve mais não.  
Ministrinho, ministrão  
de onde vem a confusão?  
Carneirinho, carneirão  
o povo não quer ser não.

Representantes do povo  
não podem ser mais agora  
os donos da engenhão,  
os donos dêste comércio  
feito só por ambição,

dêstes cofres em pletra  
que mostram bem o que são,  
nem primo de quem explora  
latifúndio ou fiação:  
deixam sempre pra depois  
o gesto que é afirmação  
dos homens não serem bois  
(pois justamente por isto  
é que têm daquilo ou disto  
num mundo cortado em dois).

Ministrinho, ministrão  
eis o centro da questão:  
trataria êstes problemas  
de que ora faço menção  
com o desvôlo com que trata  
a vida do seu irmão,  
o casamento da filha,  
ou do amigo a nomeação?

Ministrinho, ministrão  
me arresponda em frente ao Cristo  
que está sempre em citação,  
de que forma o povo existe  
nas terras de sua mão?  
Qual a lei que ela assinou  
trazendo libertação  
à vida humana amarrada  
nos pegos da alienação?  
Ministrinho, ministrão  
você, com o poder na mão,  
me arresponda, nesta hora,  
quanto é que custa o feijão?

Carneirinho, carneirão  
o povo não é mais não.

Rio, Julho de 1962

## AULA OCIDENTAL

Não me pergunte por que,  
que eu não sei, isto eu não sei;  
sei que é coisa *natural*  
um ter bem, outro ter mal.  
Aprenda comigo a lei  
da grandeza ocidental:  
Deus fêz tudo desigual:  
quem fala inglês pra ser rico,  
quem não fala pra ser mau.  
Deus fêz tudo desigual:  
pra ser rico o industrial,  
o usineiro, o fazendeiro  
que podem gastar dinheiro  
sem pensar nesta besteira  
de haver classe social,  
pois sabem ser *natural*  
terem êles alegrias  
quando o povo passa mal.  
Deus fêz tudo desigual:  
pra ser pobre de doer  
fêz o magro favelado  
ou o velho desgastado  
que vê pouco e que lê mal.  
(O mundo vai melhorar,  
lógico, vai melhorar;

mas para quê termos pressa  
de fazer andar depressa  
o que Deus quer devagar?!)  
*A natureza*, amigo,  
quer se fazer respeitar,  
e a *natureza* já disse:  
“cada qual em seu lugar,  
um nasceu com sua burrice,  
outro nasceu pra mandar”.  
Não me pergunte por que,  
que eu não sei, isto eu não sei;  
sei que é muito *natural*.  
Assim mesmo, os operários  
têm tôdas as liberdades  
dêste mundo ocidental,  
e podem viver nos morros  
com suas casas de cachorros  
ou sambar no carnaval.  
Sorte dêles que possuem  
esta graça benfazeja  
de ver que a gente deseja  
vê-los salvos numa igreja  
com o seu pão celestial,  
— sem ouvir materialistas  
que não vivem pro mistério  
sob o chão dos cemitérios,  
que só falam no real  
desta verdade inimiga  
(que não se deve dizer  
porque é feia e sem poesia)  
de haver fome e haver barriga,  
materialistas banais  
voltados pro dia-a-dia  
só teimando em dar a todos  
o uso fácil da Alegria

ou dos bens materiais.  
O rico tem êste uso  
por direito *natural*,  
com muitas horas de estudo  
sôbre a dor do desigual,  
e a certeza principal  
de saber que a sua riqueza  
— êste dom da *natureza*  
que Deus lhe deu por sinal —  
êle tem de conservá-la,  
defendê-la contra o Mal.  
Não me pergunte por que,  
que eu não sei, isto eu não sei;  
sei que é muito *natural*.  
Aprendeu agora, amigo,  
a grandeza ocidental?

PAULO MENDES CAMPOS

(Depois de aplaudir e de assinar um cheque para o professor, no fundo da sala, o mais poderoso dos capitalistas sopra uma baforada em direção ao mesmo céu que cobre os milhões e milhões de crianças que morrem de fome no mundo ocidental.

Jogada a um canto, suja e amarfanhada, a página da Bíblia em que está escrito: “É mais fácil um camelo passar por um buraco de agulha do que um rico entrar no reino do céu”.

Talvez por isto é que êle *USA* o título de “o principal defensor da Civilização Ocidental Cristã”.)

## POEMA PARA SER CANTADO

Nas mareas nordestinas,  
Nas ratoeiras das minas,  
Nas falazes leopoldinas,  
O povo não morrerá.  
Usineiros de acidez,  
Manganões de manganês,  
Fabricantes de aridez,  
Sei que o povo viverá.

Apesar de seus pesares,  
De seus males minelares,  
Tricotados nos teares,  
O povo não morrerá.  
Apesar de seus azares,  
De nefandos calabares,  
De sombrios salazares,  
Sei que o povo viverá.

Enganado nos comícios,  
Com promessas de armistícios  
A seus velhos sacrifícios,  
O povo não morrerá.  
Com a corda no pescoço  
Tendo por jantar o ôsso  
Que sobrou de seu almôço  
Sei que o povo viverá.

Chova embora canivete,  
Falaram Sacco e Vanzetti  
(E a voz do povo repete):  
O povo não morrerá.  
Contra o bobo pedagogo,  
Contra o lôbo demagogo,  
Contra o ferro, contra o fogo,  
Sei que o povo viverá.

Arquivistas fatalistas,  
Romancistas marmoristas,  
Jornalistas pessimistas,  
O povo não morrerá.  
Marinheiros mensageiros,  
Madeireiros jornaleiros,  
Fuzileiros brasileiros,  
Sei que o povo viverá.

Enjaulado nas vielas,  
Ferroado nas cancelas,  
Abatido nas favelas,  
O povo não morrerá.  
Apesar dos ministérios,  
Apesar dos cemitérios,  
Apesar dos necrotérios,  
Sei que o povo viverá.

Tubarões do monopólio,  
Esso, Gulf, Shell e Pólio,  
Caranguejos do petróleo,  
O povo não morerrá.  
Ford Motor Corporation,  
Anaconda Association,  
Codes o'fair assasination,  
Sei que o povo viverá.

Nos infernos das fornalhas,  
Nos reversos das medalhas,  
Nos anversos das navalhas,  
O povo não morerrá.  
Tardes mornas de setembro,  
Noites quentes de novembro,  
Alvas rubras de dezembro,  
Sei que o povo viverá.

Atacado de anquilose,  
Botulismo, brucelose,  
Amaurose, silicose,  
O povo não morrerá.  
Dobre o sino pelo pobre,  
Dobre o sino, sobre nobre,  
Pelo pobre, sobre, sobre,  
Sei que o povo viverá.

Com as mãos arrebentadas,  
As entranhas devoradas,  
As palavras amarradas,  
O povo não morrerá.  
Entre as frestas das torturas,  
Por detrás das imposturas,  
Por baixo das sepulturas,  
Sei que o povo viverá.

No Brasil, na Argentina,  
USA, Cuba, França, China,  
Flor agreste da campina,  
Só o povo reinará.  
Um refrão novo e antigo,  
Em redor da flor do trigo,  
Minha amiga, meu amigo,  
Só o povo reinará.

Só o povo reinará.  
Só o povo reinará.  
Só o povo reinará.  
Só o povo reinará.  
Só o povo reinará.  
Só o povo reinará.  
Só o povo reinará.

## UM HOMEM POBRE

A ferro e fogo,  
A fome e lôgro,  
Se faz um homem  
Quando êle é pobre.  
A canivete,  
Plaina e formão,  
Faz-se um irmão,  
Um irmão pobre.  
Com uma vela  
E uma sovela  
Marca-se a cara,  
Olho por ôlho,  
Dente por dente,  
A ferro quente  
Marca-se a tara:  
Um P de pobre.  
A cavaleiro  
Do chão poento,  
O seu nariz  
Como um camêlo  
Comendo vento.  
Com toda a fôrça  
Bate-se a fôrça  
De seu pescoço.  
Com faca fina

Talha-se o ventre,  
Mansa planura  
De repentina  
Ânsia: vazio  
E desventura.  
Com três facadas  
Se faz o sexo.  
Com três pontadas  
fundas, sem nexo.  
A ponta-pés  
São modeladas  
As suas nádegas.  
É vulnerável  
Seu calcanhar.  
Se perde um membro,  
Põe-se um espeque  
No seu lugar.  
Pernas cavadas  
Pelas varizes  
Como raízes  
A flor da terra.  
Seus pés são flôres  
Escalavradas.  
Se fôr possível  
Sejam flexíveis  
Os seus joelhos.  
Fígado, baço,  
Rins de antimônio,  
Pulmões de chumbo,  
Olhos de fumo,  
Enfim o homem  
Química e mangue,  
Robot sem rumo  
De carne e sangue.  
Enfim, a obra

Dos outros homens  
Como uma cobra  
Inspira, expira  
O ar que sobra.  
Para arremate,  
As ferramentas,  
Uma por uma:  
Lima, verruma  
Dão polimento;  
Broca, alicate  
Dão o contraste;  
Torquez, guindaste  
Dão movimento;  
Mangal e freio  
Dão-lhe o receio;  
Leva-se ao tôrno,  
Depois ao fôrno.  
José, João,  
Deram-lhe um nome,  
Qual, pouco importa.  
Com alguidar,  
Fôlha-de-Flandres,  
Gamela torta,  
Restos de mar,  
Matam-lhe a fome  
Do crescimento.  
Fio de vento,  
Teto de brasa,  
Chão de relento,  
Eis sua casa.  
Embora magro,  
Pareche inchado,  
Eis o seu vício.  
Morre-lhe o pai,  
Morre-lhe o filho,

Não veste luto.  
Falar à morte  
Cada minuto  
É seu ofício.  
No ar se exala  
Tudo que fala.  
Por onde pisa  
Não há sapato.  
Tudo que cheira,  
Vulgar olfato,  
Cheira à tristeza  
Duma poeira.  
Das galerias,  
De pai a filho,  
Herda a riqueza  
Da silicose;  
Se economiza  
Febre reumática,  
Pode gastar  
Tuberculose.  
Estranho tato,  
Tudo que pega  
Muda-se em lama.  
Onde se deita  
Chama de cama.  
Cêdo se estraga  
Tudo que ama.  
Cêdo se rasga  
Tudo que veste.  
Cêdo se despe  
Da própria carne,  
Do próprio nome.  
Tudo que come,  
Raro apetite,  
Sabe-lhe a fome.

Tudo que ouve,  
Houve ou não houve,  
Tem o sentido  
De ensurdecê-lo;  
Raro desvôlo  
Dos outros homens.  
Tudo que é seu,  
Ninho de sono,  
Mina de cobre,  
Campo de milho,  
Coisas de pobre,  
Tem outro dono.  
Vive por dentro  
Do lado externo:  
De olhos abertos  
Ou meio cego,  
Vê a vitrina  
De luz marinha  
Com seus eternos  
Peixes, lagostas,  
Gorda galinha,  
Leitão de crosta  
Que se desata,  
Cereja rubra,  
Creme de prata,  
Vergel de uvas.  
A fome é sua.  
No seu aquário  
Da cor da lua  
O cobertor  
Espesso dorme;  
Deus vela o sono  
Do mostruário.  
O frio é seu.  
Não lhe pertencem

A relva, a graça  
Dos chafarizes,  
Banco de praça,  
Flôres de rua,  
Sombra de parque  
Frescor de fonte.  
O medo é seu.  
Prisão é sua.  
Em socavão,  
Desvão de ponte,  
Sob o pontão  
Apodrecido,  
Onde existir  
Angulo morto,  
Rôta catraia  
De cais de pôrto,  
Onde existir  
Ôco-de-pau,  
Dura falésia  
De rude praia,  
Onde existir  
Negra lacraia,  
Feroz lacrau,  
Bicho felpudo,  
Onde houver tudo,  
Rato, morcêgo,  
Onde existir  
O seu sossêgo  
Cheio de medo,  
Onde existir  
Algum perigo  
De se escalar,  
Algum segrêdo  
Para descer,  
Onde a patrulha

Não atingir,  
Onde o olhar  
Do gavião  
Não pudervê-lo,  
Onde existir  
Fétido cheiro,  
No seu xiqueiro  
O pobre irmão  
Pode encostar  
Sua cabeça  
Seu coração  
Pode apagar  
A luz espessa  
De seu olhar  
De cão ou urso.

Um dia, morre.  
Não tendo cova  
O bisturí  
Faz seu discurso.

REYNALDO JARDIM

Pra que a miséria não cante  
A vida tôda seu hino:  
Fazer a ponta de lança  
Dos ossos do teu menino !

## CANTO MENOR COM FINAL HERÓICO

Apenas da vida feia  
Os ossos do teu menino  
Restam num monte de areia  
Os ossos do teu menino

As carnes do teu menino?  
O sorriso de lua cheia?  
A pele do teu menino?  
— Ossos ossos sobre a areia

São os ossos do menino  
O arcabouço da favela  
Esse frio envolve e gela  
Os ossos do teu menino

(Entre os ossos do menino  
Os cabelos revoltados  
Ainda firmes plantados  
No couro nu da cabeça)

Mas a pobreza é fecunda  
E fabrica outro menino  
Lastro de amarga poesia  
Os ossos do teu menino

## DITADO SÔBRE O MÊDO

Pelo braço sem fôrças  
O que gera o fantasma são as fomes  
E a funda insegurança dos meninos.  
A queda repentina do horizonte  
O horizonte manchado de inimigos.  
O que provoca o medo são as pontes  
interrompidas sem qualquer aviso.  
O tiro pelas costas e a escuridão  
Fechando as portas de qualquer abrigo.  
O que fermenta o medo e a rebelião  
É o esperar prolongado e mais aflião  
Do filho sem saber se trará pão  
O pai que a vida tôda plantou trigo.

## DESCRIÇÃO DE GRAVURA

Eu vejo uma gravura  
de Kathe Kollwits.  
Crianças feitas em dor  
que me comovem.  
Varadas de amargor  
chorando fome.  
Estendendo os braços  
para os homens.  
Suas cuias de barro  
alevantadas.

sustentadas.  
Nesse gesto de pão  
para suas bôcas.  
Ou de carne animal  
para alguma sopa.  
Têm água nos olhos  
suplicantes.  
E magreza nas mãos  
feitas de cêra.  
Que é preciso amar  
essas crianças  
como odiou sua fome  
Kathe Kollwits.

VINICIUS DE MORAES

## OS HOMENS DA TERRA

*Em homenagem aos trabalhadores da terra do Brasil, que enfim despertam e cuja luta ora se inicia.*

Senhoras Barões da terra  
Preparai vossa mortalha  
Porque desfrutais da terra  
E a terra é de quem trabalha  
Bem como os frutos que encerra  
Senhores Barões da terra  
Preparai vossa mortalha.  
Chegado é o tempo de guerra  
Não há santo que vos valha:  
Não a foice contra a espada  
Não o fogo contra a pedra  
Não o fuzil contra a enxada:  
— União contra granada!  
— Reforma contra metralha!

Senhores Donos da Terra  
Juntais vossa rica tralha  
Vosso cristal, vossa prata  
Luzindo em vossa toalha.  
Juntais vossos ricos trapos  
Senhores Donos de terra

Que os nossos pobres farrapós  
Nossa juta e nossa palha  
Vêm vindo pelo caminho  
Para manchar vosso linho  
Com o barro da nossa guerra:  
E a nossa guerra não falha!

Nossa guerra forja e funde  
O operário e o camponês;  
Foi êle quem fêz o forno  
Onde assa o pão que comeis  
Com seu martelo e seu torno  
Sua lima e sua torquês,  
Foi êle quem fêz o fôrno  
Onde assa o pão que comeis.

Nosso pão de cada dia  
Feito em vossa padaria  
Com o trigo que não colheis;  
Nosso pão que forja e funde  
O camponês e o operário  
No fôrno onde coze o trigo  
Para o pão que nos vendéis  
Nas vendas do latifúndio  
Senhor latifundiário!

Senhor Grileiro de terra  
É chegada a vossa vez  
A voz que ouvis e que berra  
É o brado do camponês  
Clamando do seu calvário  
Contra a vossa mesquinhês.

O café vos deu o ouro  
Com que encheis vosso tesouro  
A cana vos deu a prata  
Que reluz em vosso armário  
O cacáu vos deu o cobre  
Que atirais no chão do pobre  
O algodão vos deu o chumbo  
Com que matais o operário:  
É chegada a vossa vez  
Senhor latifundiário!

Em tôda parte, nos campos  
Junta-se à nossa outra voz  
Escutai, Senhor dos campos  
Nós já não somos mais sós.  
Queremos bonança e paz  
Para cuidar da lavoura  
Ceifar o capim que dá  
Colher o milho que doura,  
Queremos que a terra possa  
Ser tão nossa quanto vossa  
Porque a terra não tem dono  
Senhores Donos de Terra.  
Queremos plantar no outono  
Para ter na primavera  
Amor em vez de abandono  
Fartura em vez de miséria.

Queremos paz, não a guerra  
Senhores Donos de Terra...  
Mas se ouvidos não prestais  
Às grandes vozes gerais  
Que ecoam de serra em serra  
Então vos daremos guerra  
Não há santo que vos valha:

Não a foice contra a espada  
Não o fogo contra a pedra  
Não o fuzil contra a enxada:  
— Granada contra granada!  
— Metralha contra metralha!

E a nossa guerra é sagrada  
A nossa guerra não falha!

## O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO

*"E o Diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo. E disse-lhe o Diabo: — Dar-te-ei todo este poder e a sua glória; porque a mim me foi entregue e dou-o a quem quero; portanto, se tu me adorares, tudo será teu. E Jesus, respondendo, disse-lhe: — Vai-te, Satanaz; porque está escrito: adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás."*

LUCAS, Capítulo V, versículos 5-8

Era êle que erguia casas  
onde antes só havia chão.  
Como um pássaro sem asas  
êle subia com as casas  
que lhe brotavam da mão.  
Mas tudo desconhecia  
de sua grande missão:  
não sabia, por exemplo,  
que a casa do homem é um templo,  
um templo sem religião,  
como tampouco sabia  
que a casa que êle fazia  
sendo a sua liberdade  
era a sua escravidão.  
De fato, como podia  
um operário em construção

compreender por que um tijolo  
valia mais do que um pão?  
Tijolos êle empilhava  
com pá, cimento e esquadria;  
quanto ao pão, êle o comia.  
Mas fôsse comer tijolo...  
E assim o operário ia  
com suor e com cimento  
erguendo uma casa aqui,  
adiante um apartamento,  
além uma igreja, à frente  
um quartel e uma prisão;  
prisão de que sofreria,  
não fôsse eventualmente  
um operário em construção.

Mas êle desconhecia  
êsse fato extraordinário:  
que o operário faz a coisa  
e a coisa faz o operário.  
De forma que, certo dia,  
à mesa, ao cortar o pão,  
o operário foi tomado  
de uma súbita emoção  
ao constatar assombrado  
que tudo naquela mesa  
— garrafa, prato, facão —  
era êle quem os fazia,  
êle, um humilde operário,  
um operário em construção.  
Olhou em torno: gamela,  
banco, enxérga, caldeirão,  
vidro, parede, janela,  
casa, cidade, nação!  
Tudo, tudo o que existia

era élle quem o fazia,  
élle, um humilde operário,  
um operário que sabia  
exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento,  
não sabereis nunca o quanto  
aquele humilde operário  
soube naquele momento!  
Naquela casa vazia  
que élle mesmo levantara  
um mundo nôvo nascia  
de que sequer suspeitava.  
O operário emocionado  
olhou sua própria mão,  
sua rude mão de operário,  
de operário em construção,  
e olhando bem para ela  
teve um segundo a impressão  
de que não havia no mundo  
coisa que fôsse mais bela.

Foi dentro da compreensão  
dêsse instante solitário  
que, tal sua construção,  
cresceu também o operário.  
Cresceu em alto e profundo,  
em largo e no coração,  
e como tudo que cresce  
élle não cresceu em vão.  
Pois além do sabia,  
exercer a profissão,  
o operário adquiriu  
uma nova dimensão:  
a dimensão da poesia.

E um fato nôvo se viu  
que a todos admirava:  
o que o operário dizia,  
outro operário escutava.  
E foi assim que o operário  
do edifício em construção,  
que sempre dizia *sim*,  
começou a dizer *não*.  
E aprendeu a notar coisas  
a que não dava atenção:  
notou que sua marmita  
era o prato do patrão,  
que a sua cerveja prêta  
era o uísque do patrão,  
que seu macacão zuarte  
era o terno do patrão,  
que o casebre onde morava  
era a mansão do patrão,  
que seus dois pés andarilhos  
eram as rodas do patrão,  
que a dureza do seu dia  
era a noite do partão,  
que sua imensa fadiga  
era a amiga do patrão.

E o operário disse: “Não!”  
E o operário fêz-se forte  
na sua resolução.  
Como era de se esperar,  
as bôcas da delação  
começaram a dizer coisas  
aos ouvidos do patrão.  
Mas o patrão não queria  
nenhuma preocupação:  
— “Convençam-no” do contrário! —

disse êle sobre o operário,  
e ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário  
ao sair da construção  
viu-se súbito cercado  
dos homens da delação  
e sofreu, por destinado,  
sua primeira agressão.  
Teve seu rosto cuspido,  
teve seu braço quebrado,  
mas quando foi perguntado  
o operário disse: "não!"

Em vão sofrera o operário  
sua primeira agressão;  
muitas outras se seguiram,  
muitas outras seguirão.  
Porém, por imprescindível  
ao edifício em construção,  
seu trabalho prosseguia  
e todo o seu sofrimento  
misturava-se ao cimento  
da construção que crescia.

Sentindo que a violência  
não dobraria o operário,  
um dia tentou o patrão  
dobrá-lo de modo vário;  
de sorte que o foi levando  
ao alto da construção  
e num momento de tempo  
mostrou-lhe toda a região,  
e apontando-a ao operário  
fêz-lhe esta declaração:

— Dar-te-ei todo êste poder  
e a sua satisfação,  
porque a mim me foi entregue  
e dou-o a quem bem quiser,  
dou-te tempo de lazer,  
dou-te tempo de mulher...  
Portanto, tudo o que vês  
será teu se me adorares  
e, ainda mais, se abandonares  
o que te faz dizer não.

Disse e fitou o operário,  
que olhava e que refletia;  
mas o que via o operário,  
o patrão nunca veria.  
O operário via as casas  
e dentro das estruturas  
via coisas, objetos,  
produtos, manufaturas;  
via tudo o que fazia  
o lucro do seu patrão  
e, em cada coisa que via,  
misteriosamente havia  
a marca de sua mão.  
E o operário disse "Não!"

— Loucura! — gritou o patrão —  
Não vês o que teu dou eu?  
— Mentira! — disse o operário —  
Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fêz-se  
dentro do seu coração:  
um silêncio de martírios,  
um silêncio de prisão,

um silêncio povoado  
de pedidos de perdão,  
um silêncio apavorado  
com o medo em solidão,  
um silêncio de torturas  
e gritos de maldição,  
um silêncio de fraturas  
a se arrastarem no chão.  
E o operário ouviu a voz  
de todos os seus irmãos,  
os seus irmãos que morreram  
por outros que viverão.  
Uma esperança sincera  
cresceu no seu coração  
e dentro da tarde mansa  
agigantou-se a razão  
de um homem pobre e esquecido,  
razão porém que fizera  
em operário construído  
o operário em construção.

ESTA OBRA FOI EXECUTADA NAS OFICINAS DA  
COMPOSITORA GRÁFICA LUX LTDA., RUA FREI  
CANECA, 224 - RIO DE JANEIRO, PARA A  
EDITORIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A., EM  
SETEMBRO DE 1962